

Atos dos Apóstolos - Igreja, uma casa com as portas abertas para todos

O método eclesial para a resolução de conflitos se baseia no diálogo, e no discernimento realizado à luz do Espírito Santo, disse o Papa Francisco na Audiência Geral de hoje, dando continuidade a reflexão sobre os Atos dos Apóstolos.

23/10/2019

Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

O livro dos Atos dos Apóstolos diz-nos que São Paulo, depois daquele encontro transformador com Jesus, é acolhido pela Igreja de Jerusalém graças à mediação de Barnabé e começa a anunciar Cristo. No entanto, por causa da hostilidade de alguns, ele foi forçado a transferir-se para Tarso, sua cidade natal, onde Barnabé se juntou a ele para o envolver numa *longa viagem da Palavra de Deus*. O Livro dos Atos dos Apóstolos, que comentamos nestas catequeses, pode ser considerado o livro do longo caminho da Palavra de Deus: a Palavra de Deus deve ser anunciada e proclamada em toda parte. Esta viagem começa depois de uma grande perseguição (cf. *At 11, 19*); mas ela, em vez de causar uma estagnação da evangelização, torna-se uma oportunidade para ampliar o campo onde lançar a boa semente da Palavra. Os cristãos não se assustam. Eles têm que fugir, mas fogem com a

Palavra, e espalham a Palavra por toda parte.

Paulo e Barnabé chegaram primeiro a Antioquia, na Síria, onde ficaram durante um ano inteiro para ensinar e ajudar a comunidade a criar raízes (cf. *At* 11, 26). Eles anunciaram à comunidade judaica, aos judeus. Antioquia torna-se assim o centro de propulsão missionária, graças à pregação com que os dois evangelizadores — Paulo e Barnabé — incidem no coração dos crentes, que aqui, em Antioquia, são chamados pela primeira vez “cristãos” (cf. *At* 11, 26).

O Livro dos Atos revela a natureza da Igreja, que não é uma fortaleza, mas uma tenda capaz de alargar o seu espaço (cf. *Is* 54, 2) e de dar acesso a todos. A Igreja ou é “em saída” ou não é Igreja, ou está a caminho, alargando sempre o seu espaço para que todos possam entrar, ou não é

Igreja. “Uma Igreja com portas abertas” (Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, 46), sempre com as portas abertas. Quando vejo alguma pequena igreja aqui, nesta cidade, ou quando a via na outra diocese de onde venho, com as portas fechadas, isto é um mau sinal. As igrejas devem ter sempre as portas abertas porque este é o símbolo do que é uma igreja: sempre aberta. A Igreja é “chamada a ser sempre a casa aberta do Pai [...] Assim, se alguém quiser seguir uma moção do Espírito e se aproximar à procura de Deus, não esbarrará com a frieza duma porta fechada” (*Ibid.*, 47).

Mas esta novidade das portas *abertas para quem?* Para os pagãos, porque os Apóstolos pregavam aos judeus, mas também os pagãos vieram bater à porta da Igreja; e esta novidade das portas abertas aos pagãos desencadeia uma controvérsia muito animada. Alguns Judeus afirmam a

necessidade de se tornarem Judeus através da circuncisão para se salvarem e depois receberem o batismo. Eles dizem: “Se não vos circuncidardes, de harmonia com o uso herdado de Moisés, não podereis ser salvos” (*At 15, 1*), isto é, não podereis receber sucessivamente o batismo. Primeiro o rito judaico e depois o batismo: esta era a posição deles. E para resolver a questão, Paulo e Barnabé consultam o conselho dos Apóstolos e dos anciãos em Jerusalém, e tem lugar aquele que é considerado o primeiro concílio na história da Igreja, o *concílio ou assembleia de Jerusalém*, ao qual Paulo se refere na Carta aos Gálatas (2, 1-10).

É tratada uma questão teológica, espiritual e disciplinar muito delicada: isto é, *a relação entre a fé em Cristo e a observância da Lei de Moisés* . Decisivos no decorrer da assembleia são os discursos de Pedro

e Tiago, as “colunas” da Igreja-mãe (cf. *At* 15, 7-21; *Gl* 2, 9). Eles convidam a não impor circuncisão aos pagãos, mas apenas a pedir-lhes que rejeitem a idolatria e todas as suas expressões. Do debate surge o caminho comum, e esta decisão é ratificada com a chamada carta apostólica enviada a Antioquia.

A Assembleia de Jerusalém oferece-nos uma visão importante sobre como lidar com as divergências e procurar “a verdade na caridade” (*Ef* 4, 15). Recorda-nos que o método eclesial para a resolução dos conflitos se baseia no diálogo feito de escuta atenta e paciente e no discernimento realizado à luz do Espírito. É o Espírito, de fato, que ajuda a superar os fechamentos, as tensões e trabalha nos corações para que alcancem, na verdade e no bem, para que alcancem unidade. Este texto ajuda-nos a compreender a sinodalidade. É interessante como

escrevem a Carta: os Apóstolos começam por dizer: “O Espírito Santo e nós *pensamos...*”. É próprio da sinodalidade, a presença do Espírito Santo, caso contrário não é sinodalidade, é parlatório, parlamento, outra coisa...

Peçamos ao Senhor que fortaleça em todos os cristãos, especialmente nos bispos e sacerdotes, o desejo e a responsabilidade da comunhão. Nos ajude a viver o diálogo, a escuta e o encontro com os irmãos na fé e com aqueles que estão distantes, para saborear e manifestar a fecundidade da Igreja, chamada a ser em cada época “mãe jubilosa” de muitos filhos (cf. Sl 113, 9).

uma-casa-com-as-portas-abertas-para-
todos/ (09/08/2025)